

Teatro

Espectáculos de
Philippe Quesne / Vivarium Studio

L'Effet de Serge

O Efeito de Serge

5, 6 Outubro '09

La Mélancolie des dragons

A Melancolia dos dragões

8, 9, 10 Outubro '09

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



L'Effet de Serge O Efeito de Serge

Concepção, encenação e cenografia Philippe Quesne

Com Gaëtan Vourc'h, Tristan Varlot, Rodolphe Auté e Hermès, Zinn Atmane, Cátia Pinheiro, Paula Diogo e Paula Sá Nogueira

Produtora Anaïs Rebelle **Produção** Vivarium Studio 2007 **Co-produção** Ménagerie de Verre, no quadro das residências **Apoio** Forum scène conventionnée de Blanc-Mesnil, Festival actOral montévidéo e Culturesfrance
Vivarium Studio é uma companhia convencionada da DRAC Île-de-France

Seg 5, Ter 6 de Outubro

Palco do Grande Auditório · 21h30 · Duração: 1h15 · M12

Espectáculo em francês (com tradução parcial) e português

No seu apartamento numa vivenda, Serge elabora com os meios que tem à disposição espectáculos de efeitos especiais de um minuto que desempenha todos os domingos diante de uma plateia de amigos. Philippe Quesne é no mínimo económico na sua abordagem da teatralidade, poucos efeitos de representação, técnicos, verbais. Tabiques de gesso, uma porta-janela que dá para um jardimzinho, um bocado de alcatifa, TV, aparelhagem, mesa de pingue-pongue são os elementos do cenário reciclados dos espectáculos anteriores (*La Démangeaison des ailles, Des Expériences, D'après Nature*).

“Modelos” segundo a expressão de Bresson, os cúmplices fiéis de Quesne ocupam o palco, com desta vez em solo Gaëtan Vourc'h na pele de Serge, personagem da ficção. Vourc'h, vestido de cosmonauta, anuncia ao público o protocolo das produções do Vivarium Studio: “Em geral, começamos os espectáculos pelo fim do espectáculo anterior; no ano passado eu entrava em *D'après Nature*, um espectáculo que acabava assim, eu estava vestido de cosmonauta. Agora vou representar *L'Effet de Serge*, um espectáculo em torno da vida de Serge e que se passa em casa dele.” Apresenta o lugar onde Serge vive, artista que concebe projectos.

Que significa a prática de um artista que fabrica em sua casa mini-espectáculos de baixo-custo diante de um auditório amigável? Quesne dirige um olhar divertido sobre o que podia ser uma tendência actual do discurso dos profissionais, uma apologia dos projectos concebidos com pouco dinheiro (enquanto que em certos palcos perdura um excesso de meios)? Infelizmente este

incitamento à *bricolage* não subjaz ao princípio estético, digamos, de um pós-teatro pobre, cuja pobreza consistia em reduzir os artificios do teatro em proveito de uma poética do jogo do actor, mas constitui um argumento económico da política cultural. Serge é sem efeitos mas o espectáculo de Quesne faz o seu efeito. Como sempre Quesne produz um teatro crítico, jubilatório, que trabalha tanto os códigos estéticos da teatralidade como as problemáticas contemporâneas. No momento actual, os primeiros passos de Gaëtan, aliás Serge, vestido de cosmonauta são uma entrada altamente significativa: o artista pertenceria a outro planeta, tanto parece ser considerado pelos seus pares como um ser à parte liberto de todas as preocupações materiais?

Pascale Gateau



La Mélancolie des dragons

A Melancolia dos dragões

Concepção, encenação e cenografia Philippe Quesne **Com** Isabelle Angotti, Zinn Atmane, Rodolphe Auté e Hermès, Cyril Gomez-Mathieu, Émilien Tessier, Tristan Varlot, Gaëtan Vourc'h
Produtora Anaïs Rebelle **Produção** Vivarium Studio 2008 **Co-produção** Wiener Festwochen, Hebbel am Ufer, La rose des vents/Festival Next, Nouveau Théâtre CDN de Besançon e Franche-Comté, Ménagerie de Verre, Le Forum – scène conventionnée de Blanc-Mesnil, Le Carré des Jalles, Festival Perspectives **Apoio à criação** Centre National du Théâtre Apoio Região Île-de-France, Parc de la Villette e Culturesfrance
Vivarium Studio é uma companhia convencionada da DRAC Île-de-France

Qui 8, Sex 9, Sáb 10 de Outubro
Palco do Grande Auditório · 21h30 · Duração: 1h15 · M12
Espectáculo em francês, com legendas em português

Erguendo-se no cume da montanha, no meio das nuvens, do vento e dos elementos em fúria, Isabelle contempla um panorama grandioso. Podia dizer-se isto de outra maneira: o cume está exactamente situado no sexto degrau de um escadote, as nuvens provêm de uma pequena máquina de fumo, o vento de uma ventoinha rudimentar, os elementos surgem essencialmente de uma máquina que faz bolinhas de sabão. Mas, na *Mélancolie des dragons*, estas duas visões acabam por convergir graças à poesia frágil deste espectáculo de invenção permanente, onde tudo se constrói, se compõe e recompõe em directo. Os espectadores vêem o mundo através dos olhos de Isabelle, que acha tudo “fantástico”, “incrível”, e, ao mesmo tempo, ninguém se deixa enganar: esta fertilidade criativa de todos os instantes começa sempre com os rituais vulgares da vida contemporânea, novamente representados em cena, dissecados, muito ligeiramente pervertidos.

É este intervalo que é habitado pelo trabalho de Philippe Quesne e do Vivarium Studio, uma encenação, disposição, tanto quanto uma releitura crítica dos hábitos gregários dos jovens de hoje. *La Mélancolie des dragons* propõe um olhar desfasado sobre os transportes da amizade, a constituição de uma comunidade e a criação de um universo colectivo. Convidando uma amiga, Isabelle, a partilhar o espectáculo que criaram, os elementos cabeludos de um grupo de hard rock em pleno marasmo guiam esta intrusa curiosa – em antestreia mundial – no seio de um “parque de atracções” portátil contido no porta-bagagens do seu Citroën e do seu atrelado branco. É pelo menos

aquilo a que os rockers chamam assim com um certo incómodo, o de terem de passar, também eles, pela “Disneyização” do mundo. A duração do espectáculo é exactamente decalcada sobre o tempo de que o grupo (e a sua única espectadora) precisa para dispor (e ver, depois testar) as diferentes atracções do parque. Sabiamente, Isabelle, obstinadamente satisfeita e optimista, por vezes um pouco céptica mas não demasiado, vai percorrer uma a uma as estações desta visita, que se torna, perante os olhos dos espectadores, uma forma de aventura da crença confrontada com a imaginação fértil destes homens enclausurados juntos. Eles saem de um carro avariado. São seis, mais um cão (Hermès), e são incapazes de arranjar o que quer que seja naquele motor recalcitrante.

No entanto, sabem usar os cabelos compridos, fazem girar as suas ideias tanto quanto a si próprios, e a sua presença engenhosa, mas desfasada, feita disto e daquilo, domando a matéria com dificuldade, é o único elemento tangível deste parque em devir. São muito sérios mas inventam estranhas cerimónias ociosas, entre a festa bretã druídica e o bio-happening, entre *son et lumière* sem demasiada luz e leitor de cassetes de Citroën AX. Dispõem diante de Isabelle as descobertas das suas imaginações vulgares que são outras tantas cerimónias tão derrisórias quanto indispensáveis à sua sobrevivência de homens pouco à vontade no mundo contemporâneo. Eis hard rockers ligeiramente depressivos, errando numa paisagem de neve que tentam fazer aderir às visões do seu país imaginário. Há ali, no oco das suas fantasias, fumos, florestas,

fontes, vento nos ramos, uma montanha mágica, muitos cabelos, jeans e cabeleiras, mas sobretudo grandes formas negras insufláveis onde se alojam os dragões melancólicos nascidos do seu espírito primitivo de eternas crianças. E funciona! O Vivarium Studio instala com pequenas pinceladas o meio natural que permite aos dragões melancólicos virem aclimatar-se sobre o palco nevado... Como se uma espécie desaparecida, a não ser nos livros para crianças ou nos contos e lendas celtas (que se lerão na biblioteca improvisada em cena), pudesse voltar à vida sobre o palco pela simples acção da crença teimosa dos actores e da sua capacidade de aguçar a sua própria melancolia, e portanto estimular a sua invenção criadora.

Com esta matéria, e bastante humor a frio, Philippe Quesne organiza pacientemente sainetes colectivos, improvisados a partir de ritos lúdicos de essência ultra-contemporânea, desviados para um desregramento relativo do imaginário dos hard rockers que envelhecem. Isto dá, no palco, um laboratório de situações extremas do vulgar, um desenvolvimento levado até ao fim das infra-experiências da melancolia nórdica. O título é baudelairiano, mas esta *Mélancolie des dragons* olha também para o que podemos imaginar do humor islandês, saga nórdica despojada em curtas histórias de morrer a rir, e país para onde o Vivarium Studio partiu em digressão à maneira de fontes (quentes) de inspiração.

Nada é grave, mas tudo é sério, nada é útil mas tudo parece absolutamente necessário, tudo é contingente mas sobretudo minuciosamente preparado. Este humor, que surpreenderá mesmo

os maiores caras-de-pau, demonstra a extensão das capacidades inventivas e a importância da conquista do inútil nos actores do Vivarium Studio. Todos os gestos e todas as situações se transformam assim num espectáculo sobre a amizade. Porque é preciso acreditar com toda a força neste laço humano solidário, e o território estranho que se desenha aqui é mais do que uma subversão irónica dos nossos hábitos de consumidores culturais.

Uma comunidade constitui-se e liga-se reinventando o mundo em conjunto. É verdade que estas invenções não são fulgurantes, é verdade que eles não salvarão o mundo, se calhar nem sequer gravarão um disco nem abrirão o parque de atracções, mas criaram uma coisa ainda mais importante: uma utopia para viverem em conjunto, que têm orgulho em fazer visitar. Aquilo a que eles chamam, piscando em letras de cores que mudam, "Parque Antonin Artaud". Colagem da crueldade extrema...

Antoine de Baecque
(Festival de Avignon)

Entrevista com Philippe Quesne

La Mélancolie des dragons, curioso título...

Para cada projecto a escrita começa considerando o título do espectáculo como um campo de pesquisas e experimentações. Hoje, *La Mélancolie des dragons*: duas palavras associadas que me abrem um campo de possíveis. Dois temas que muito largamente assombraram a história da arte, a literatura e a música. O criador melancólico tornou-se o cliché ocidental e romântico por excelência, como que em estado de *spleen* face ao mundo que avança, face à dificuldade de o compreender e apreender. Comecei o trabalho pensando nesta frase de Starobinski: "A atitude melancólica não pode entender-se também ela

como um distanciamento da consciência face ao desencanto do mundo?"

Concretamente, o projecto alimentou-se depois de diferentes circunstâncias: uma digressão de *L'Effet de Serge* na Islândia por paisagens nevadas, os nossos ensaios no terreno dos antigos estúdios de Georges Méliès em Montreuil, *répérages* num armazém de prefabricados na periferia e o facto de criar o espectáculo em Viena de Áustria...

Há cinco anos que a actividade da nossa companhia se inventa com o mesmo grupo de trabalho. Um repertório composto de peças que se constroem umas depois das outras, ou até mais precisamente umas a partir das outras. Assim, *La Mélancolie des Dragons* abre com a última cena de *L'Effet de Serge*, ou seja, "um grupo de homens invisíveis dos quais só se vêem os cabelos que

La Mélancolie des dragons © Pierre Grosbois



se agitam ao som de uma musiquinha sob uma luz vermelha”, tal como *L'Effet de Serge* abre com a última imagem de *D'après Nature*, um cosmonauta. Quase que se podia falar de um efeito de domínios, cujas regras são reconhecidas por alguns espectadores fiéis.

E a ligação entre a melancolia e os dragões?

Poderia dizer-se que o pensamento melancólico pode por vezes engendrar monstros. É explícito por exemplo no quadro de Goya *O sonho da razão produz monstros*. Vê-se um homem adormecido, há monstros que parecem surgir dos seus pensamentos. Está subjacente na gravura de Dürer *Melancolia*. Um corpo sonha, absorve nos seus pensamentos. As projecções do seu espírito estão dispostas à sua volta, como elementos que ele não consegue conter no seu espírito: o animal, a religião, os objectos do conhecimento e da criação. Está tudo ali, colocado em volta do corpo melancólico. É desta maneira que concebo o dispositivo cénico no qual os actores evoluem e tentam resolver as questões que se colocam. Penso frequentemente em Beckett, o do *Dépeupleur*, com o fascínio entomológico pela vida que ferve e se organiza a partir de nada, ou ainda em *A Vida das térmitas* de Maeterlinck, um texto de que gosto muito.

O cão Hermès está novamente no espectáculo?

Sim, está lá, com o mesmo grupo de actores, reunidos há quase cinco anos para o meu primeiro espectáculo, *La Démangeaison des ailes*. Poderia dizer-se que todos se tornaram agora

“personagens”. Gosto de os reencontrarmos num novo espectáculo. Envelhecemos juntos, faz parte do jogo. Também gosto de retomar e reciclar elementos da cenografia. Em *L'Effet de Serge* e *La Mélancolie des dragons* reencontramos por exemplo: uma máquina de fumo, ramagens, um carro, uma grande vidraça, etc.

Porque é que há tantas músicas nos vossos espectáculos?

A partitura sonora dá-me os principais pontos de referência. Não forneço aos actores indicações psicológicas, mas musicais. As *assemblages* fazem-se pelos sons e associações musicais. Nunca há manuscrito antes de começar os ensaios, ainda que eu leia textos para mim. No entanto, existem trechos de música, canções. Desta vez, para *La Mélancolie des dragons*, são músicas da Idade Média e hard rock...

Como é que trabalha com os seus actores?

Passamos tempo juntos, vemos exposições, filmes, ouvimos música... Alguns participam na construção do dispositivo cénico. Ensaiar um espectáculo é sobretudo autorizar-se a experimentar coisas. Trabalhamos a partir de materiais heteróclitos que vamos buscar à literatura, às ciências humanas, às artes plásticas, ao cinema, à banda desenhada.

O espectáculo faz-se a partir de notações, referências, empréstimos ao vocabulário gestual e verbal dos actores. É uma composição por sugestões. A fábula desenha-se pouco a pouco.

Antoine de Baecque
(Festival de Avignon)



Vivarium Studio/ Philippe Quesne

O Teatro do Vivarium Studio

Porque é que é tão inquietante ver um actor atravessar o palco como se andasse realmente no seu apartamento? Porque é que é tão fascinante observar um cão em cena? Porque é que ficamos perturbados diante de actores que vemos que estão a falar uns com os outros mas que não ouvimos, como se o som tivesse baixado? Porque é que a reconstituição de uma floresta miniatura em cena nos faz frio? Porque é que a presença de um carro em cena é sentida como uma violação do espaço? Em conjunto, elementos dramáticos como estes, agenciados por Philippe Quesne nos espectáculos do Vivarium Studio, dão a medida de um trabalho cénico que por intermédio de uma pesquisa mecânica, espécie de teatro laboratorial que se esforça ao máximo por modificar as convenções do género, consegue criar um universo de contornos incertos que misturam o sonho e a matéria, o som e as palavras, o fumo e a luz, a solidão e o grupo.

Perfeitamente regulado, habilmente dominado, o teatro do Vivarium Studio segue com espírito lógico os redemoinhos de um espírito inquieto. Este desfasamento entre uma forma de pensamento estruturada, articulando de maneira simultaneamente concreta e perspicaz a relação entre causa e efeito, e um pensamento possível informe dá toda a força deste teatro que, compreendemo-lo, reanima o espectador noutra mundo, como se acordasse de uma anestesia mais ou menos prolon-

gada e pudesse seguir as acções sem no entanto as compreender bem. Mas entendamo-nos, os espectáculos do Vivarium Studio, de *La Démangeaison des ailes*, que tem por tema o levantar voo, a *L'Effet de Serge*, falso *one man show* insólito, passando por *D'après Nature*, espécie de equivalente florestal dos combates aquáticos do barco dos ecologistas do Greenpeace, não pretendem oferecer respostas. O que ao invés parece “representável”, e é o aspecto mais optimista deste trabalho, é a capacidade de activar um outro mundo desenvolvendo no entanto acções simples com objectos correntes mas empregues com fins diferentes dos comumente admitidos.

O mundo da infância não anda muito longe quando Serge cria os seus “efeitos”. No espaço confinado do seu apartamento, a aventura é imaginada com faróis de carro, caixas de cartão, três velas mágicas que cintilam e um pouco de música, e no entanto são sinais de SOS o que nos aparece entre os gritos das ondas.

O teatro de Philippe Quesne tem de fascinante o facto de se “aguentar de pé”. Precisamente ao contrário de alguém de quem se diz que “já não se aguenta de pé”, os seus espectáculos estão estranhamente do lado do que está vivo. É esta a sua originalidade, a sua força e a sua tensão. Tudo aqui concorre para valorizar o que não se consegue dominar, produzindo assim, passados o riso e o divertimento, uma sensação de mal-estar, e de questionamento. O espanto experimentado explica-se certamente porque no teatro estamos habituados a olhar para o lado dos mortos. Aliás diz-se isto: “pôr-se na

L'Effet de Serge © Argyroglio Callias Bay



pele da personagem”. Nada a temer portanto nestas representações com prazo de validade marcado pelo fim do espectáculo. Então quando Philippe Quesne consegue perturbar a nossa visão, trabalhando o realismo das presenças cénicas, através da representação dos actores do Vivarium Studio, da presença animal, ou dos elementos da natureza, a nossa percepção turva-se porque o vivo parece então ferver e inquieta-nos. Estes actores transbordam do palco morto, contentam-se com o espaço, com o desprendimento e a concentração daquele que é apanhado no seu universo íntimo. São como extra-terrestres ou fantasmas que pudéssemos observar numa gruta e o seu natural aparece como singularmente estranho.

Estranho e inquietante, cá estamos de novo, porque o trabalho de Philippe

Quesne, apesar poder-se-ia dizer mas sobretudo graças a esta facilidade nos movimentos e nos encadeamentos sucessivos, depende acima de tudo de preocupações ligadas à nossa organização social, e mesmo à nossa capacidade de sermos humanos. Convém acrescentar aos espectáculos anteriormente citados que o primeiro esboço teatral de Philippe Quesne inspirava-se na obra *A Vida das térmitas* de Maeterlinck. As térmitas não são insectos inocentes, podem destruir um edifício inteiro. A perfeição, a eficácia da sua organização obriga a reflectir. Vivem num mundo de trevas porque não são dotadas de visão e no entanto isso não parece limitar os efeitos nefastos das suas acções.

No espectáculo *D'après Nature*, os actores mimam por diversas vezes um quadro do pintor flamengo Bruegel

intitulado *A Parábola dos cegos*, que faz referência à parábola de Cristo dirigida aos fariseus: “Se um cego guia outro cego, ambos cairão num buraco.” No quadro seis personagens cegas seguram-se pelo ombro e são todas arrastadas na queda pela da do seu guia. Têm os olhos erguidos ao céu, em sinal do pedido de socorro a Deus. Mimando os cegos de Bruegel e reconstituindo uma espécie de viveiro da nossa espécie humana, Philippe Quesne coloca, com uma perfeita eficácia dramática, a mesma questão: “Para onde iremos se seguimos aos apalhões um guia incapaz?”

Aude Lavigne

Fevereiro de 2008

Em 2003 fundei a associação Vivarium Studio afim de conceber e encenar as minhas próprias criações e interrograr o teatro como arte de *assemblage*, uma arte heterogénea. O meu primeiro espectáculo, *La Démangeaison des ailes*, foi inventado com um grupo de trabalho composto por actores, artistas plásticos, um bailarino-músico, um chefe de produção de cinema e um cão. Enriquecida por esta primeira aventura, a experiência prolonga-se faz agora cinco anos com os mesmos colaboradores, aos quais se juntam pontualmente convidados ou figurantes, que vêm enriquecer em França ou no estrangeiro cada uma das nossas criações.

Desde a minha primeira peça, os meus projectos colocam em relação um tema e um modo de narração apropriado: o desejo de voar e a queda (*La*

Démangeaison des ailes, 2003), a hebetude face aos riscos do futuro (a série *Des Expériences*, 2004-2005), as ameaças ambientais e a nossa incapacidade de remediá-las (*D'après Nature*, 2006). Considerando que o teatro de textos existe, que é primordial, mas que não é o único apto a interrograr o nosso mundo, concebo espectáculos que procuram desenvolver uma dramaturgia contemporânea constituída a partir de problemáticas que nos habitam. Os temas muitas vezes abordados com uma doce ironia são-no através de diferentes tipos de textos (entrevistas, artigos, poemas, canções, listas de palavras) que contribuem para a coerência narrativa cénica e se combinam com outros elementos do teatro (corpos, som, luz, vídeos).

Este princípio de escrita cénica repousa igualmente sobre uma relação privilegiada entre o espaço de representação, a cenografia e os corpos que são postos em cena. Concebo dispositivos cénicos que são tanto cenários quanto oficinas de trabalho, “espaços-viveiros” para estudar microcosmos humanos. Os meus espectáculos alimentam-se de referências heteróclitas que vou buscar à literatura, às ciências humanas, às artes plásticas, à música, ao cinema, à banda desenhada, etc. No quadro de certos projectos utilizo materiais pedidos de empréstimo ao “real” (testemunhos coligidos, entrevistas). A ideia de partida é muitas vezes pretexto para experimentações, do processo de criação à representação, preservando a ambiguidade verdadeiro/falso, real/artificial, ilusão/verdade. A flutuação do que está vivo...

De há quatro anos para cá, todos os meus projectos foram concebidos com o mesmo grupo de colaboradores, o que

me permitiu constituir um repertório de espectáculos disponível em digressão em França ou em versões adaptadas no estrangeiro. Pudemos representar com regularidade as peças assim criadas, e o mesmo aconteceu com as formas breves ou performativas. Desde a minha primeira criação, tive a sorte de poder difundir os meus espectáculos de forma muito alargada em França e de poder encontrar públicos diversificados: Centros Dramáticos Nacionais e outros teatros públicos, centros culturais, recreativos e comunitários, associações de bairro, apartamentos particulares, etc. Para além disso, alguns projectos foram especificamente concebidos para locais ao ar livre: espaços urbanos, parques e jardins, florestas, etc. Os espectáculos do Vivarium Studio foram rapidamente programados em teatros e festivais no estrangeiro: Estados Unidos, Brasil, Alemanha, Suíça, Polónia, Letónia, etc. Estas colaborações com palcos internacionais prosseguiram em 2008, em volta de uma nova criação: *La Mélancolie des dragons*, produzida nomeadamente pelo Wiener Festwochen e o Hebbel am Ufer de Berlim.

A nossa companhia esteve durante três anos consecutivos em residência no Forum du Blanc-Mesnil (2004-2007) com o apoio do Conselho Geral de Seine-Saint-Denis. Uma colaboração que, ao favorecer o trabalho de criação e difusão dos espectáculos, permitiu imaginar e instalar tempos de encontro com os públicos e a população de uma cidade e inscrever a nossa actividade na duração. Neste quadro, pude igualmente criar formas específicas (filmes, intervenções urbanas, edições, espectáculos, etc.) directamente alimentadas por

L'Effet de Serge © Pierre Grosbois



trocas com os habitantes e o contexto urbano imediato. A companhia esteve igualmente em residência, durante três anos, num outro local mais experimental: a Ménagérie de Verre em Paris. Aí levámos a cabo oficinas de pesquisa, de ensaio e de formação, e programámos acontecimentos abertos a outros artistas (músicos, artistas plásticos, etc.).

Philippe Quesne
2007

Philippe Quesne nasceu em 1970. Vive e trabalha em Paris. Depois de ter seguido uma formação de artes plásticas na École Estienne e depois nas Artes Decorativas de Paris, faz durante cerca de dez anos cenografias de teatro e de ópera, ou de exposições de arte contemporânea. Em 2003, funda a companhia Vivarium Studio, reunindo um grupo de trabalho composto por actores, artistas plásticos, músicos, bailarinos e um cão.

Escreve, concebe a cenografia e encena: *La Démangeaison des ailes* (2003), *Des Expériences* (projecto evolutivo posto à prova em diferentes locais entre 2004 e 2006 - galeria de arte, floresta, charco, baldio, etc.), *D'après Nature* (2006), *L'Effet de Serge* (2007), *La Mélancolie des dragons* (2008).

Paralelamente cria *performances* e intervenções no espaço público: *Pour en finir avec les simulateurs* (2004), *Actions en milieu naturel* (2005), *Échantillons* (2006), *Petites réflexions sur la présence de la nature en milieu urbain* (2006), *Point de vue* (2007), *Groupuscule* (2007).

www.vivariumstudio.net

Próximo espectáculo

doclisboa 2009

VII Festival Internacional de Cinema

Cinema De Qui 15 a Dom 25 Outubro
Grande e Pequeno Auditórios · 11h-23h
Filmes legendados em português

Bruno smoking a joint (Valerie's legs), 2001 © Nan Goldin



Todos os anos, o doclisboa apresenta em antestreia os melhores documentários da última temporada. Com uma programação rica e diversificada, o doclisboa é também um dos festivais de documentário com maior audiência na Europa.

Este ano, além dos pilares do festival (Competição Internacional, Competição Nacional, Investigações, Riscos e Ensaios), o programa inclui três destaques imperdíveis: a secção temática Love Stories, a homenagem a Jonas Mekas e um programa especial sobre os Balcãs.

Love Stories

As grandes histórias de amor sempre marcaram a história do cinema. Mas sobretudo no domínio da ficção. Esta programação especialmente criada para o doclisboa 2009 destina-se a revelar histórias de amor únicas, registadas exclusivamente no campo do documentário.

Homenagem a Jonas Mekas

em colaboração com o Museu Reina Sofia
Nascido na Lituânia em 1922, Jonas Mekas é considerado o pai do cinema de vanguarda norte americano. São

célebres as suas colaborações com Andy Warhol, Alan Ginsberg, John Lennon, Yoko Ono e Salvador Dali. No doclisboa apresentará uma *masterclass* e discutirá os seus filmes com o público.

Balcãs em Foco

Winston Churchill terá dito que os Balcãs produzem mais história do que aquela que têm capacidade para consumir. Cinismo à parte, talvez esta afirmação se aplique de uma forma consistente aos trágicos acontecimentos que tiveram lugar no território da ex-Jugoslávia, depois da sua desintegração em 1991.

Um estado foi desmembrado e uma nacionalidade devastada para que, no momento actual, sete novos estados e sete novas identidades emergissem. O turbilhão ideológico teve lugar não apenas à porta da (assim chamada) Europa civilizada, mas em frente de muitas câmaras, algumas das quais determinadas a gravarem mais do que observações jornalísticas.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonella

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Direção Técnica

Eugénio Sena

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo

chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira

chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção de Arte

da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
